

# Juruna diz que está desiludido

Fernando Bizerra Júnior - 5/5/2000

BRASÍLIA - Preso a uma cadeira de rodas desde 1998 por causa de problemas de vesícula e uma pneumonia dupla, o ex-deputado federal e cacique xavante Mário Juruna, 57 anos, não acredita no trabalho das organizações não-governamentais (ONGs) ligadas à causa indígena e se diz um perseguido pelas entidades. Muito amargurado, Juruna, que mora no Guara, cidade-satélite de Brasília, sobrevive como assessor do PDT e diz não ter dinheiro nem para ir até a sede da Funai, no Centro da capital. Juruna, para sair de casa, tem que pedir carona a desconhecidos.

"Eu sou independente. Não tenho compromisso com ninguém, só com índio. Então as organizações não gostam de mim. Todo mundo só tem papo furado. É só para ganhar dinheiro na costa do índio. Outros países estão acreditando nisso."

**Sertanista** - Juruna não valoriza sequer o trabalho do sertanista Orlando Villas Bôas, um dos criadores do Parque Nacional do Xingu. "Ele não se preocupava com índio. Deixou problemas para os índios em todo o Parque do Xingu. Ele vetou meu nome para representar a comunidade indígena em Amsterdam. Ele enganava e sugava os índios, e eu comecei a



Juruna, que não pode mais andar, se diz perseguido por ONGs

gritar que sou muito mais indigenista que ele."

O cacique ficou também magoado com os conflitos entre representantes dos povos indígenas e a Polícia Militar, em Porto Seguro (BA), no dia dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. "Foi uma falta de respeito e dignidade. Não gostei da reação contra o índio. Completaram 500 anos de fome, miséria e roubo e não de amizade. Foi sujo e podre."

**Desilusão** - Após assistir aos distúrbios na Bahia, Juruna concluiu que o presidente Fernando Henrique foi o pior que o país já teve no trato com o índio, e se considera um desiludido com o poder civil. "Civis não têm poder. Os militares eram melhores, precisam voltar. Guerra não acabou, briga vai ter sempre."

Mário Juruna ficou internado por quase todo o ano de 1998 no Hospital Sarah Kubitschek. Parte do osso de uma das pernas teve que ser tirada e ele não poderá mais andar. "Sofri muito tipo de dor. Não tenho saído. Fiquei preso dentro de casa", lamenta Juruna, que viu um homem branco pela primeira vez aos 17 anos, nas redondezas da tribo onde nasceu, no município de Barra do Garça (MT). (F.L.)

Class.	Fonte	Documentação
1081	SOCIOAMBIENTAL	5B
	Data	
	7/5/2000	
	Página	
	6	